

A COOL
TRASH-PULP-FICTION'S
CHARACTER:

VOL.
2

HUGO MAXIMO

NUNCA SE SABE

your best friend .

FANZINE MENSAL
JULHO - 2010

a hot girl
with a bad
temper



clench the handle and the barrel



in case of zombies



do not leave
home without it

daggers give it
a nice touch

a cool car



HM

lots and lots
of bullets



* do not forget the blood

ESTE MÊS!!!

HANARCRÔNICAS

SIM, NOS NÃO ESTAMOS NEM AÍ



FOLHETIM MENSAL

A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL

FOLHETIM MENSAL

RAMONA DOIS PONTO ZERO

GALERIA DE CAPAS

PARA INSPIRAÇÃO

PRA COMER NA FRENTE DO COMPUTADOR

RECEITAS RÁPIDAS

CURTAS METRAGENS

CONTOS

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A FÚRIA DO SEXO FRÁGIL CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE

FOLHETIM MENSAL

CAFÉ, CIGARROS E APOCALIPSES

POR UMA VIDA NA MATRIX MENOS ORDINÁRIA

ÀS VEZES É FODA

O FANZINE NUNCA SE SABE É UMA PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE SEM FINS COMERCIAIS. TODO CONTEÚDO UTILIZADO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NA INTERNET E É USADO APENAS COMO DIVULGAÇÃO.

HUGO MAXIMO

NUNCA SE SABE



"Tenho compulsão em contar a amigos e estranhos sobre as coisas de que gosto. E contar às pessoas sobre coisas das quais gosto fica muito, muito mais fácil se eu puder mandar o que escrevo a elas. Muito mais fácil. Além do mais, as redes P2P são fantásticas. A maioria dos livros, músicas e filmes que são lançados não estão disponíveis para venda na maior parte do mundo."

[Cory Doctorow]

Este fanzine serve única e exclusivamente para divulgação de ideias, literatura e arte gráfica. Aprecie com moderação. Quer participar de alguma forma? Entre em contato e pergunte-me qualquer coisa. Sempre estou aberto à parcerias, troca de ideias e ajuda mútua.

Oi, me chamo Hugo, sou escritor e artista gráfico. Você pode saber um pouco mais sobre meu trabalho acessando meu blog pessoal <http://matrixordinaria.blogspot.com/>

Quer participar com contos, folhetins, histórias em quadrinhos e/ou ilustração? Entre em contato: hanarquia@gmail.com

<http://matrixordinaria.blogspot.com/>

<http://twitter.com/Hanarquia>

HANAR crônicas

MEU NOME É HUGO E EU COMPARTILHO ARQUIVOS

DRM - dois pesos e duas medidas

Por lógica, quando você paga por alguma coisa essa coisa passa a ser sua e você pode fazer com ela o que quiser, basicamente. Desde que respeite os direitos do autor. Por exemplo: eu comprei um livro, o livro é meu e eu posso ler, queimar, rasgar, dobrar as orelhas, fazer anotações e principalmente compartilhá-lo. Sim, emprestar um livro a um amigo é compartilhar arquivos. Um estudo diz que um livro comprado geralmente pode ser lido por cinco, até dez pessoas. Isso é compartilhar arquivos.

O que eu não posso fazer com o livro é desrespeitar os direitos do autor, ou seja, não posso sair por aí dizendo que fui eu quem o escrevi. Mas vejam só, depois que eu li o livro e todos os amigos a quem emprestei o livro o leram, eu posso vendê-lo à uma loja de livros usados. E isso não é considerado crime.

E em muitas dessas lojas de usados, se vende e se compra CD de músicas, filmes, jogos e até mesmo

programas de computador. E isso não é considerado crime.

Mas se você compartilha arquivos pela Internet, mesmo os arquivos que você pagou, isso sim é crime.

Aqui morre toda a lógica da DRM (Digital Rights Management). São dois pesos e duas medidas, sempre lembrando que a Lei de Direitos Autorais não é uma lei moral e sim uma lei de regulamentação prática, sempre "emendada" à favor de interesses econômicos, por vezes, distantes da lógica dos demais direitos e da moral.

Quando você pega um livro emprestado em uma biblioteca, você está compartilhando arquivos. Quando você chama seus amigos até a sua casa para assistirem um DVD que você comprou legalmente ou alugou em alguma locadora de filmes, vejam só, você está compartilhando arquivos! Você não vai ser preso por isso, pode ter certeza.

A DRM é o oposto a difusão de conhecimentos. Por consequência, é oposta ao conceito básico da internet e dos computadores.

Como diz Cory Doctorow, o computador nada mais é do que uma máquina que manipula bits e a internet nada mais é do que uma "máquina" que transporta bits de forma rápida e barata e ponto final.



A COOL
TRASH-PULP-FICTION'S
CHARACTER:

a hot girl
with a bad
temper

A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL

HUGO MAXIMO
UMA AVENTURA PULP FICTION

your best friend .



*Folhetim
mensal*

clench the handle and the barrel



in case of zombies



do not leave
home without it



daggers give it
a nice touch

a cool car



HM

lots and lots
of bullets



* do not forget the blood

"It's been a hard day's night
And I've been workin' like a dog
It's been a hard day's night
I should be sleepin' like a log"

Lennon & McCartney

Capítulo 1

Ela era uma menina má, no mal sentido. Certa vez havia explodido um gato com um combinado caseiro de bombinhas de vinte e cinco centavos e fita adesiva. A porra do gato se desintegrou em uma chuva de pequenas partículas vermelhas. O estouro encobriu o miado e tudo o que restou foi uma rodela preta e fumegante no asfalto. Pelo menos é o que dizem.

E o que acontece quando a pessoa errada se encontra no lugar errado e ainda por cima, na hora errada? Resposta: exato, isso mesmo o que você pensou.

E havia toda uma série de agravantes:

- a) ela estava de mau humor;
- b) ela estava menstruada;
- c) ela havia sido demitida.

Eu sei, também fico com medo só de imaginar. É como uma força da natureza seguindo em sua direção. E o que você faz? Bom, você corre.

Isso por que não se pode argumentar contra uma força da natureza. Ou você já pensou em pedir licença para um

tornado? Exato. Foi o que pensei também.

Ela já chegou reclamando que estava com dor de cabeça e mal a garçõete estendeu o cardápio ela chiou:

— Água.

Eu a olhei como se ela tivesse pedido sangue ou algo assim para beber.

— Fui demitida! Que merda. Devia estar em casa dormindo, mas não, tinham que me deixar terminar o turno todo pra anunciarem que eu estava fora.

— Era um emprego de merda, Amanda. — Eu disse, mas ela mal me ouviu.

— Putz! E eu sou boa, quer dizer, não na incineração de corpos, mas boa com uma arma. Eu podia estar em campo aberto arrebrandando os mortolhos! Achei que tivesse uma chance.

— Eu entendo, eu...

— E o fedor! O pior é o cheiro dos infectados queimando.

— Eu sei.

Foi quando aconteceu. O alarme não soou. E isso só podia significar uma leva realmente grande de

mortos-vivos se aproximando das cercas. Algo que mantivesse todos os vigias ocupados, obrigando-os a atirarem ao invés de dispararem o alarme.

Criaturas atolavam a rua. Podíamos vê-las pelos vidros. Mortos, secos, decompostos, famintos! Subiam a rua em uma onda sem controle. Eu não estava armado, trabalhava na distribuição de alimentos, mas ela... ah ela sempre estava preparada.

— Fecha a porta, porra! — Ela gritou já sacando a arma. — Fecha a porra da porta!

Eu rolei para o lado quando percebi que ela iria chutar a mesa com tudo. Ainda tenho gravada a imagem nítida do saleiro de plástico voando pela bodega.

Um zumbi “mais pra lá do que pra cá” cruzou a entrada e ela disparou contra ele. Um buraco negro apareceu como mágica na testa da coisa e eu posso jurar que vi uma fumacinha saindo do buraco. A criatura tava podre!

A garçonete começou a gritar e eu vi que a Amanda apertou o rosto em uma expressão de dor.

— Não grite — disse ela. — Por favor! Não grite. Estou com uma dor de cabeça do caralho!

A garçonete recuou um passo e por um momento acho que ficou mais assustada com a Amanda do que com os mortos-vivos do lado de fora. Sem dar atenção a isso, Amanda rolou o zumbi caído com o coturno e fechou a porta com um chute. Do lado de fora, atraídos pelo disparo, as criaturas se avolumavam contra o vidro.

— Isso não vai segurá-los! — Berrou a garçonete e ao ver a expressão de Amanda levou as mãos à boca como se tivesse gritado na porra de uma biblioteca. — Desculpe.

Sim a garçonete se desculpou. Eu estava lá, sou testemunha. E se você acha que também não teria se desculpado, você está enganado. Você não conhece a Amanda.

— Precisamos sair daqui — disse Amanda olhando em volta calmamente. E então se voltou para garçonete: — Porta dos fundos?

A menina fez que sim com a cabeça.

— Muito bem — disse ela. — meu carro não está longe.

E assim rumamos para os fundos. Enquanto seguíamos pela cozinha, deu para ouvir os vidros estourando lá na frente.

— O que faremos? — Lembro-me de ter perguntado.

— Fugimos — disse Amanda. — A cidadela caiu. Agora é cada um por si.

Vocabulário

Mortolhos: mortos-vivos, zumbis.
(atire na cabeça!) * termo utilizado pela primeira vez no livro: TRASH Vol. I - Zumbis & Tentáculos.

Cidadela: pequena comunidade fechada. Pessoas que se agrupam para se protegerem dos zumbis em uma tentativa de reconstruir a sociedade. (Sempre dá merda)

“UMA FÁBULA SOMBRIA E INSTIGANTE. UMA VIAGEM ONDE TUDO PODE ACONTECER, PRINCIPALMENTE O IMPOSSÍVEL. UMA HISTÓRIA DE ARREPIAR.”

SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA

“NESTE LIVRO HUGO MAXIMO DEMONSTRA SEU DOMÍNIO SOBRE O ROMANCE DE SUSPENSE, COM FORTES COMPONENTES VISUAIS, O QUE NOS FAZ REFLETIR SOBRE AS POSSIBILIDADES DE APRESENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA, QUE O TRANSFORMARIA NUM FILME DE TERROR.”

**YEDDA DE CASTRO BRASCHER GOULART
ESCRITORA MESTRE EM LETRAS – UFSC**



**A VOLTA PARA CASA
PODE SER UM
INFERNO!**

"Tudo que você precisa para um filme é
uma arma e uma garota."

Jean-Luc Godard

Folhetim
mensal



RAMONA

2 PONTO ZERO

HUGO MAXIMO



Capítulo 02

— Como eu a conheci? Hum, deixe me ver. Como a conheci de verdade? Afinal, quanto tempo se leva para realmente se conhecer uma pessoa? Ou talvez você se refira a primeira vez que a vi. Isso faz toda a diferença é claro.

Jota olhou para o idiota sentado a sua frente e percebeu que ele não estava fingindo, muito menos sendo prolixo de propósito. Ele não estava tentando ser engraçado ou dando uma de espertinho. Não mesmo. Havia sinceridade em meio aquela diarreia verbal. Tolo, fútil, sim, sem sombra de dúvida, mas tão sincero e ingênuo quanto alguém pode ser. Ele não era sínico, não era dissimulado, ele era um autêntico idiota. O rapaz magricela de óculos gigantes e cabelo caído na testa era um idiota de verdade.

— Vamos tentar de novo — disse Jota.
— Diga-me, com a maior riqueza de detalhes possível, quando foi que você a viu pela primeira vez.

O garoto mexeu as mãos sobre a mesa como se procurasse um teclado invisível.

— Posso beber alguma coisa? Um café, talvez?

— Depois que me contar essa parte, eu

mesmo vou lhe arrumar um café, garoto. Agora comesse a falar.

O idiota tamborilou com os dedos sobre a mesa e realmente parecia estar digitando algo em um computador imaginário. Jota coçou a testa como fazem os adultos que estão prestes a perder a paciência.

Por fim, o garoto começou:

— Foi em um posto de gasolina. Era seu aniversário. Ramona. Era o aniversário dela. Vinte anos. Dois ponto zero, ela me disse, bem assim, dois ponto zero. Eu estava voltando para a faculdade depois dos feriados, você sabe, e parei em um posto de gasolina porque precisava ir ao banheiro. Além de abastecer o carro isso é a única coisa que me faz parar em um posto no meio de lugar algum. Não gosto muito de lugares afastados. Não me... bem, não me dou muito bem com pessoas.

Jota queria bater nesse garoto, muito. Queria bater muito, tanto quanto fosse possível bater em alguém sem efetivamente matar.

— Também não me dou muito bem em banheiros públicos, mas a necessidade faz... coisas... “a ocasião faz o ladrão”, minha mãe costuma

dizer. E nesse posto em particular, não havia dois banheiros. Havia um banheiro só, nos fundos, tanto para homens quanto para mulheres. Você sabe, o tipo de banheiro em que você precisa pedir a chave. E foi o que eu fiz. Fui até o caixa da lanchonete e pedi pelas chaves do banheiro. O atendente disse que “a chave já estava lá” — disse esta frase fazendo em mímica as aspas com os dedos. — Isso significava que alguém estava usando o banheiro.

O garoto parou para rir um pouco. Um riso nervoso e constrangido que deixou Jota sem jeito.

— Eu não gosto de importunar as pessoas. Não gosto de incomodar ninguém. Prefiro passar despercebido pelo mundo. Sou assim.

Silêncio.

— Ok — disse Jota, — continue.

— Sim, eu... eu dei a volta no posto e fui até o banheiro. Devo ter esperado por alguns minutos antes de bater. Sabe como é, quando ficamos olhando para a porta fechada imaginando quem pode estar lá dentro, e se tem mesmo alguém lá dentro, porque às vezes você gira o trinco e o banheiro está vazio sem ninguém e você fica com cara de idiota.

O Garoto fez cara de idiota e sorriu. Queria ter certeza que Jota soubesse qual

era a “cara” de um idiota. Não se preocupe garoto, eu sei como é uma cara de idiota, estou olhando para um a noite inteira, pensou.

— Por fim eu segurei o trinco, mas antes de girá-lo eu vi as marcas no chão. Como dizer? Não dava nem ao menos pra tentar me iludir, imaginando que fossem manchas de óleo ou algo assim. Estava escuro, sem dúvida, indicando que era profundo, mas inevitavelmente vermelho. E fresco, viscoso, molhado. E as pegadas por sobre a mancha eram o pior. Aquilo deixava claro que era real. Aquelas pisadas sobre o sangue, espalhando-o, marcando-o, dando a mancha aquela forma desordenada que só a realidade e o acaso podem conceber.

— Já entendi — disse Jota impaciente. — Não precisa escrever um romance, garoto, apenas me conte o que fez ao ver o sangue.

— O Sangue... eu...
Os olhos do rapaz viram nas órbitas. Ele ia desmaiar.

— Não! Gritou Jota e a voz de comando pareceu surtir efeito. O garoto piscou algumas vezes e respirou profundamente.

— Isso. Continue.

— Bem, eu abria a porta e tinha uma garota lá dentro. Ruiva, olhos verdes, jeans e jaqueta e... segurava uma arma. Ela estava sangrando muito e... droga! Pensei que ela fosse atirar. Mas não atirou. Ela pareceu perder os sentidos por um momento e caiu sobre mim.

— Apenas, continue.

— Certo. Quando Ramona desmaiou não suportei seu peso e fomos ao chão. Me mijeí todo... literalmente. Mas isso era a última coisa em minha mente, cara. Tinha um bebê sobre o vaso sanitário. Uma criança recém nascida e o lugar não parecia limpo. Eu estava no chão, comprimido pelo corpo da moça que mal conhecia e que havia apontado uma arma na minha cara. Tentei gritar por socorro, mas minha voz saiu fraca e mole, quase desprovida de ar.

— Não — ela disse. — Não chame ninguém. Por favor... ali

— E tentou apontar para o carro, um carro preto estacionado ali nos fundos.

— Por favor... o carro... me ajude a chegar ao carro.

— Mesmo tonta ela se levantou com certa facilidade, apoiando-se em mim. No meio do percurso eu perguntei sobre a criança no vaso sanitário e ela disse:

— Merda! Tinha esquecido dessa porra...

— Eu pego — eu disse. — Vamos pro

carro, depois eu pego a criança. Então ela gemeu algo incompreensível e apagou de novo já no banco do carro. A porta estava aberta e eu disse a frase mais clichê que pode ser dita em uma hora dessas: “você precisa de um médico”. Ela se convulsionou toda e quase me deu um tapa. Por fim disse:

— Não — mais clichê ainda — nada de médico. Traz a criança... Eu sigo sozinho.

Fui ao banheiro correndo enquanto pensava na última frase. Até agora penso nessa frase. Existe uma frase mais triste que essa?

“Eu sigo sozinho”.

— A frase me atingiu em cheio, me tocou e me bagunçou lá dentro. Pensei que eu também era assim. Eu sigo sozinho. Sabe como é? Não estou falando de idioma, mas gostaria de ter alguém que falasse a minha língua. Por que... eu sigo sozinho.

E então começou a chorar.

Jota levou as duas mãos ao rosto e as arrastou até que as pontas dos dedos desprenderam-se da pele do queixo. Estava sentindo uma odiosa vontade de chorar.



Continua na
próxima edição!

**“UM LIVRO SOBRE ZUMBIS AO
MELHOR ESTILO PULP FICTION.”**

UNIVERSO INSONIA

**“UMA HISTÓRIA SURREAL PELOS
CLICHÊS DAS HISTÓRIAS TRASH DE
HORROR DO CINEMA E DA
LITERATURA PULP FICTION.”**

SINOPSE DO LIVRO



HUGO MAXIMO

TRASH

VOL. I

**ZUMBIS &
TENTÁCULOS**

CURTA METRAGEM

A Balada da Menina Morta



"Nem o passado existe nem o futuro. Tudo é presente."

Gonzalo Torrente Ballester

Ela não acreditava que via o futuro, até que a taça se quebrou no brinde de ano novo e a mancha vermelha se espalhou no vestido branco seguindo o mesmo traço que havia se desenhado no sonho. O tecido colou ao corpo revelando os contornos da peça íntima que também sorvia o líquido vermelho sangue.

Vinho gelado nas pernas, mas fogo queimava na cabeça.

A primeira coisa que pensou foi: "merda", a segunda foi algo um pouco difícil de se pôr em palavras, um ruído de boca aberta que as pessoas fazem (ou devem fazer) quando descobrem que podem ver o futuro em sonhos e que no último sonho haviam visto a própria morte.

O interlocutor a observava espantado, julgando que a preocupação estava apenas no vestido manchado.

"Sinto muito, eu... você se machucou?".

Foi então que o primeiro pensamento se tornou verbo:

"Merda" disse ainda de olhos vidrados. "Putá merda!".

Deixou os restos de cacos caírem e correu para o carro. No sonho estava deitada no salão com a mancha de vinho no vestido e estava morta. Mas havia algo mais. Ninguém morre por sujar um vestido. Estava em choque, estava... ficando louca? Precisava sair dali, precisava... desesperadamente... mudar o futuro. Como se não bastasse vê-lo.

Atrapalhou-se com as chaves e o alarme disparou fuzilando seus ouvidos.

"Abre porra!" berrou para o estacionamento vazio. "Abre!".

O sonho era a resposta, o sonho havia revelado o futuro, só nele poderia encontrar a peça que alteraria tudo. Os olhos estavam cheios d'água, a vista embaçada. Parecia ver vermelho, ver vinho em todo lugar. Suava muito e tudo parecia grudento.

"Esqueça isso, burra, concentre-se no sonho!". Havia algo mais, tem que haver! Ninguém vê o futuro por nada, precisava se concentrar. A única razão possível para se ver o futuro era a de poder alterá-lo. Não é?

"É" havia uma música!

"Sim, Música!".

Era uma balada, não lembrava a letra, não lembrava a merda da letra. Como era enervante. Sabia que era importante, mas tinha na cabeça só a maldita melodia.

"Na-na-na-na-nã" cantarolou sabendo que era importante, mas a letra não vinha. Era uma música antiga que falava de...? De... sangue!

"É!" gritou enquanto esfregava o rosto. Tudo grudento, tudo...

"Esqueça Isso !".

Deu a partida e seguiu para a rua. Ao endireitar na pista respirou profundamente e diminuiu a velocidade. Não queria sair do fogo e cair na frigideira. Nada de acidentes essa noite, por favor. Parou no sinal vermelho sentindo-se muito, muito cansada. O tecido se colava ao corpo, tudo grudento no meio das pernas, tudo...

"Na-na-na-na-nã". Novamente e nada.

E se não puder mudar o que está pra acontecer? E se o sonho ou visão ou seja lá o que for, não

significar absolutamente nada. Um erro cósmico, uma falha de merda! Tão cansada, tão difícil pensar tão... não havia bebido tanto, no entanto, o mundo estava se apagando aos poucos como se a energia estivesse... sumindo?

"Fluindo" disse com a boca mole. "Fluindo".

" N a - n a - n a - n a - n ã . . .
na-na-na-na-nã".

Segundos antes de perder a consciência percebeu duas coisas. Tudo na câmera lenta dos sonhos. A primeira foi o grosso filete de sangue que escorria do pulso aberto por um pedaço da taça de cristal. O líquido pastoso fluía até o cotovelo onde gotas gordas pingavam. A segunda e mais assustadora: que iria se esvair em sangue antes que alguém pudesse encontrá-la.



PARA COZINHA FRENTE DO COMPUTADOR

AÇORDA ITALIANA

INGREDIENTES:

- 1 pão de forma sem casca
- Manteiga ou margarina suficiente para passar nas fatias de pão
- Leite suficiente para umedecer o pão (1/2 xícara ao todo)
- 4 copos americanos de queijo prato ou mussarela ralados grossos
- 500g de tomates maduros, sem peles e cortados em fatias (não pode ser molho)
- Sal, pimenta e orégano a gosto
- 6 ovos
- 1 lata de creme de leite
- 1 copo americano de queijo ralado (1/2 pacote)
- 2 colheres de sopa de margarina ou manteiga

MODO DE PREPARO:

- * Unte um refratário grande e retangular, faça uma camada com metade do pão.
- * Embeba com leite, cubra com o queijo e metade do tomate, polvilhe com o sal, a pimenta e o orégano.
- * Faça nova camada de pão, embeba com o leite e termine com o restante do tomate, polvilhando também com os temperos.
- * Bata os ovos com o creme de leite, jogue por cima e espere até ensopar bem.
- * Polvilhe com o queijo ralado, distribua a manteiga ou margarina em pedacinhos.
- * Leve ao forno preaquecido, com temperatura quente (200°C), até que cozinhe e doure.

Você pode encontrar a edição anterior
em <http://matrixordinaria.blogspot.com>

A FÚRIA DO

SEXO FRÁGIL

CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE



HUGO MAXIMO

UM MESTRE DEVERIA
TREINAR UMA MULHER...



MAS UM MESTRE VENDERIA
ASSIM SUA ALMA ?



COMO A MORTE DO ALVO
ERA DE VITAL IMPORTÂNCIA...



ELE A TREINOU...

MAS DEVERIA MATÁ-LA ASSIM
QUE A MISSÃO FOSSE CUMPRIDA.

CONTUDO, O DRAGÃO, COMO PASSOU
A SER CHAMADO DESDE ENTÃO...



COMETEU O MAIS
TOLO DOS ERROS...



O DRAGÃO
SE APAIXONOU...



EM FUNÇÃO DESTA
FRAQUEZA SUA
DISCÍPULA FUGIU...



DANDO ORIGEM A SUA
PRÓPRIA LINHAGEM DE
ASSASSINAS.



EU SOU A ÚLTIMA DELAS...



O ÚLTIMO ELO DA CORRENTE.



A MULHER QUE
ME TREINOU
AINDA ESTA VIVA...

BEM, SE É QUE DÁ
PRA CHAMAR "MORAR
EM UMA CAVERNA NO
JAPÃO" DE VIDA...

**CONTINUA NA
PRÓXIMA EDIÇÃO**

Café, Cigarros
e Apocalipses

Folhetim:
Mensal
Hugo Maxima





Capítulo 2

O velho Volkswagen branco havia se tornado amarelo-rajado de poeira e ferrugem. A tampa do capô havia sido arrancada e ali fora acomodado um dos bancos, como em uma carroça. Os arreios improvisados estavam jogados sobre o banco. No pára-choque dianteiro fora amarrado o encilhamento dos animais. Dois burros de carga, mortos de sede. Ambos já haviam começado a apodrecer e alguns abutres levantaram vôo quando o andarilho se aproximou. Havia decidido não se alimentar dos animais, pois sabia que ambos estavam doentes. A carne seria dura demais. Ao se aproximar mais, voltou-se para o interior do veículo-carroça, que mais parecia uma tenda cigana. Dezenas de trapos e objetos estavam pendurados ali. Canecas, copos, algumas panelas amassadas, cobertores remendados, mais latas de refrigerante vazias, algumas ferramentas e todo tipo de bugigangas que poderiam ser coletadas num depósito de lixo. Mas algo não estava ali. O rifle de cano duplo. Fora levado. Não havia balas, há um bom

tempo não encontrara mais. E pelo que sabia, não havia mais fabricas, não havia mais nada. Não depois do fim do mundo.

Olhou para o coldre vazio ao lado do corpo e se arrependeu de não ter levado o rifle consigo. No entanto, estando diante do deserto, imaginou que ninguém fosse aparecer. Estes pensamentos, no entanto, foram abruptamente interrompidos pela pancada na cabeça.

Abriu os olhos e notou que a lua estava alta no céu. Antes mesmo de tentar se mover sentiu os braços amarrados atrás das costas. Estava sentado no chão. Encostado na lataria do carro-carroça. As pernas estendidas e os tornozelos também amarrados. Estava do lado escuro. Do outro lado do carro vinha um brilho amarelado. Pode sentir o cheiro da fumaça de uma fogueira. Fora atingido na cabeça, que ainda doía. Ficou algumas horas desacordado, a julgar pela lua lá em cima. Quem quer que tenha lhe atingido era rápido e silencioso. Baixou a guarda por julgar estar sozinho. Não havia lugar para alguém se esconder perto do carro.

Apenas algumas rochas ao longe. Julgou poder ouvir, no caso de alguém se aproximar, mas não ouviu. Deveria estar morto, mas não estava. Silenciosamente deixou o corpo baixar até que seu ombro tocasse o chão. Olhou por debaixo do veículo e viu um par de botas diante da fogueira. Seja quem fosse, deveria ter uma razão para não matá-lo. Do outro lado, as botas se moveram. Passos curtos. Seja lá quem fosse, não era muito alto. Mas era rápido e silencioso. Algo brilhante, próximo ao fogo chamou sua atenção. Era sua faca, cravada na terra ao lado da fogueira. As botas pararam diante da faca fincada no acostamento tomado pela vegetação rasteira e, uma luva escura a pegou. Os passos seguiram para trás do veículo e imediatamente ele se ergueu como havia estado antes e fechou os olhos. Os passos seguiram até que o atacante misterioso estivesse parado diante de si.

Abra os olhos, disse ela. A voz era firme, mas jovem. E bela.

Pude ouvir você quando se mexeu.

O andarilho abriu os olhos. O que viu o espantou, embora não tenha deixado transparecer. Tratava-se de uma menina.

Dezessete anos, talvez. Os cabelos loiros compridos e lisos — mas cacheados nas pontas — estavam sujos, despenteados e queimados de sol. Assim como a pele. Bronze. Que contrastava muito com os olhos azuis. Jovem. Bela. Nascida depois do fim do mundo. Depois do fim... não pode deixar de pensar em como o mundo era. A música, as danças, os rituais adolescentes, a corte, o amor. Bela moça, provavelmente teria gostado de música, cinema também, papel, livros! Com certeza teria gostado de livros. Tinha certeza que ela nunca havia ouvido uma gravação, muito menos um pedaço de papel. A pergunta, seca e direta o tirou de seu momentâneo transe.

Quero saber por que você voltou? Não foi pelos animais. Já estavam mortos quando você partiu.

Trazia a faca na mão direita, enquanto a esquerda estava pousada no cabo do rifle de canos duplos e cerrados. A arma estava enfiada na calça jeans, suja e velha. Sua mão acariciava o cabo da arma como se ela fosse realmente uma arma e não um pedaço de ferro e madeira descarregado.

Ele permaneceu em silêncio. Olhava para ela apático. Os olhos mortos, frios e sem emoção. Pareciam os olhos de um manequim de plástico. Ela havia visto alguns. Plásticos, olhos vidrados, pintados, sem vida. Estavam jogados ao longo da estrada, como quase todo lixo do mundo de antes. Os olhos dele pareciam os olhos de manequins, sem vida. Plástico. Não havia nada naqueles olhos. Na verdade, ela chegou a pensar que sim, que havia algo naqueles olhos sem vida. Havia o silêncio.

Você é mudo? Chegou a perguntar balançando a faca de modo ameaçador, não gostando ao perceber que sua voz havia fraquejado. Ele não parava de olhá-la com aqueles olhos sem vida. Não parava. Ela teve a certeza de que se precisasse sustentar aquele olhar por muito tempo poderia enlouquecer.

Responda!

Ele permaneceu em silêncio, quase entediado.

Quando vi você partindo pensei que fosse embora de vez! Mas o jeito que você saiu, olhando pra trás como um... neur... neurótico, ah, eu soube que você ia voltar. Pensei que voltaria com gasolina, mas o seu automotivo não tem motor! Acho que você o tirou pra ficar mais leve, não é?

E tudo que você trouxe do deserto foi água. Por que você voltou?

Ele permaneceu em silêncio, realmente entediado.

Ela bradou a faca, como se fosse realmente usá-la, mas parou de repente quando percebeu que ele permaneceu em silêncio. Aqueles olhos, ela pensou e um frio percorreu seu coração.

Durma, disse ela, você vai precisar!

Ele permaneceu em silêncio enquanto ela dava a volta no carro. Ouvi-a bater a porta. Melhor que ela dormisse lá dentro.

Continua na próxima edição!

POR UMA VIDA NA **MATRIX** MENOS ORDINÁRIA

LITERATURA:



BLOG'S LEGAIS:

<http://www.be-insight.com/>

<http://www.desligadohiperativo.blogspot.com/>

CINEMA:



MÚSICA:



**GALERIA DE
CAPAS**

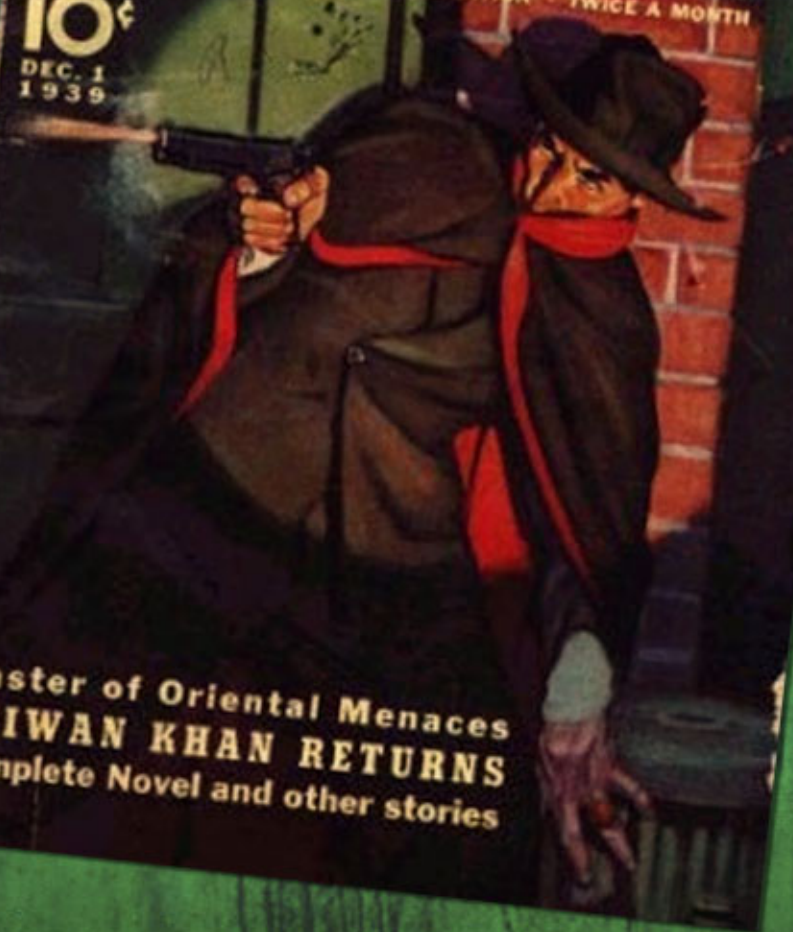


THE
Shadow

A STREET & SMITH PUBLICATION - TWICE A MONTH

10¢

DEC. 1
1939



Master of Oriental Menaces
SHIWAN KHAN RETURNS
Complete Novel and other stories

*quando VOCÊ aparece a gente se
emociona!*



*gostou do fanzine?
então conte ao amigos!!!!*

*vamos fazer alguma coisa na internet?
me mande um e-mail, me chame de amigo!*

**SEU FANZINE ANDA
MEIO DEPRESSIVO?
PRECISA DE UMA ARTE CHAMATIVA PARA SEU
CD, LIVRO OU POSTER?**

TALVEZ EU POSSA AJUDAR

**TRABALHOS EM EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, ILUSTRAÇÃO E ARTE GRÁFICA
ENTRE EM CONTATO: hanarquila@gmail.com**

[HTTP://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/](http://matrixordinaria.blogspot.com/)

A COOL
TRASH-PULP-FICTION'S
CHARACTER:

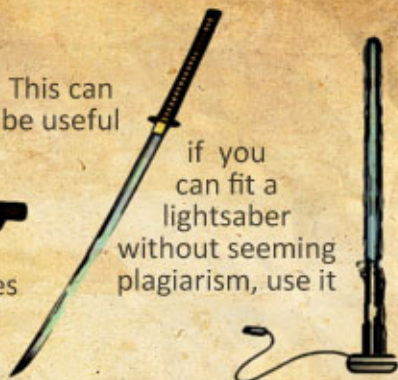
your best friend



This can
be useful



everyone loves
a classic



if you
can fit a
lightsaber
without seeming
plagiarism, use it

a hot girl
with a bad
temper



clench the handle and the barrel



in case of zombies



do not leave
home without it



daggers give
a nice touch

a cool car



HM

lots and lots
of bullets



**SINTA-SE LIVRE PARA COPIAR, DISTRIBUIR E/OU
DISPONIBILIZAR ESTA OBRA EM SEU SITE/BLOG,
APENAS CITE A FONTE E UM LINK PARA O MEU
BLOG:**

[HTTP://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/](http://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/)

**ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO SOB UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS ATRIBUIÇÃO-USO
NÃO-COMERCIAL-VEDADA A CRIAÇÃO DE OBRAS
DERIVADAS 2.5 BRASIL. PARA VER UMA CÓPIA
DESTA LICENÇA, VISITE:**

**[HTTP://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/) OU ENVIE UMA CARTA PARA CREATIVE
COMMONS, 171 SECOND STREET, SUITE 300, SAN
FRANCISCO, CALIFORNIA 94105, USA.**



HUGO MAXIMO
NUNCA
SE SABE